

# Tesouro vai gerir a dívida externa

Cristiane Perini Lucchesi  
De São Paulo

O Tesouro Nacional quer se aproximar do mercado financeiro. Está até abrindo escritório em São Paulo. Em uma sala ainda não definida no mesmo prédio da Caixa Econômica Federal, na avenida Paulista, passará a trabalhar toda a sexta-feira o economista Rubens Sardemberg, novo secretário-adjunto do Tesouro, ele próprio um homem do mercado.

O paulista de Botucatu, com 40 anos, assumiu no dia 29 a responsabilidade de coordenar a gestão da dívida do Tesouro Nacional no lugar de Izac Zagury, que foi dirigir a diretoria internacional do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Por enquanto, Sardemberg vai administrar a rolagem da dívida interna mobiliária. Mas já está se preparando para, em agosto de 2001, assumir também a gestão da dívida externa. Essa é a data combinada entre o Banco Central e o Tesouro Nacional.

"Eu trabalhava para um Fábio Barbosa e agora passei a trabalhar para outro", brinca Sardemberg, ex-economista-chefe do ABN Amro/Real, cujo presidente chama-se Fábio Barbosa, como o secretário do Tesouro Nacional. Sardemberg chefiava uma equipe de três pessoas no banco holandês há um ano e meio e estava muito satisfeito. "Passei uma semana na dúvida antes de decidir pelo Tesouro Nacional", disse.

Sardemberg prefere não falar no assunto, mas, como se sabe, a administração pública não paga os mesmos salários da iniciativa

privada. "O ABN é mais perto de casa", afirma Sardemberg. O economista mora em Higienópolis, zona central de São Paulo, com a filha de quatro anos, Renata Sardemberg, e a mulher, Amarilis Prado Sardemberg, que é diretora de operações da Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLC), da Bolsa de Valores de São Paulo.

A sede do ABN Amro fica na avenida Paulista, enquanto a do Tesouro Nacional é bem mais longe, no Distrito Federal, em Brasília. Mas, no final das contas, o desafio de coordenar toda a gestão da dívida pública mobiliária falou mais alto para o economista.

A experiência de Sardemberg no setor público é pequena. Ele chegou a trabalhar na Fundação Prefeito Faria Lima, da Secretaria do Interior de São Paulo, por um ano e meio, até 1988, durante a gestão do governador Franco Montoro.

Em compensação, de mercado financeiro Sardemberg entende muito bem. Logo após se formar em economia na Universidade de São Paulo, em 82, ele foi trabalhar no Banco Auxiliar, da Corporação Bonfiglioli, que então era dona da Cica. Sardemberg também trabalhou no departamento de economia do Citibank, de 92 a 97.

Seu chefe, na época, era Amaury Bier, hoje secretário-executivo do Ministério da Fazenda. "Em 94, fui trabalhar como economista da tesouraria do Citi, uma experiência incrível. Eu não operava, mas ajudava a tesouraria a tomar posições e definir estratégias. Aprendi muito", disse.

Sardemberg também traba-



Rubens Sardemberg, novo coordenador da gestão da dívida pública

lhou com Ibrahim Éris e Luis Paulo Rosenberg, na Linear, em 97 e 98, como diretor de renda fixa. "Conheci o mundo do asset management", afirmou, usando o termo em inglês, tradicional no mercado, para designar gestão de recursos de terceiros.

Irmão do jornalista Carlos Alberto Sardemberg e primo de se-

gundo grau de Ronaldo Sanches Sardemberg, ministro da Ciência e Tecnologia, Sardemberg falou ao **Valor** em São Paulo, em uma sala de reuniões da CEF, em meio a seus papéis. "Logo vão arranjar uma sala só para mim", afirmou, antes de começar a entrevista:

**Valor:** Qual a sua principal tarefa

como secretário-adjunto do Tesouro Nacional?

**Rubens Sardemberg:** Uma das minhas principais missões é ficar próximo do mercado financeiro. Por isso estamos abrindo um escritório em São Paulo. Vou procurar vender os papéis do Tesouro para os nossos clientes, que são o mercado financeiro, os fundos de asset management, fundos de pensão, seguradoras. São eles que carregam a dívida brasileira. É um trabalho que Zagury já vinha fazendo, mas eu fui chamado para aprofundar, após ele ser promovido para o BNDES.

**Valor:** O que se pretende dessa aproximação com o mercado?

**Sardemberg:** Queremos garantir uma leitura mais precisa desse mercado, de suas necessidades, por exemplo. Toda a sexta-feira eu estarei na cidade, trabalhando em uma sala nesse prédio da CEF, recebendo os clientes do Tesouro Nacional. Queremos uma parceria com o mercado. Não queremos tirar proveito das oportunidades do mercado, de uma alta ou baixa, como fazem as tesourarias dos bancos. Vamos perseguir objetivos de longo prazo. Queremos trazer maior transparência de informações, o fim das caixas-pretas.

**Valor:** Como ficam as relações entre Tesouro Nacional e Banco Central na gestão da dívida interna?

**Sardemberg:** O Banco Central (BC) está deixando, aos poucos, a gestão da dívida mobiliária do Tesouro Nacional para o próprio Tesouro. A ideia é que o BC monitore a política monetária, os juros e o câmbio. No Brasil, os objetivos da política monetária sempre fo-

ram confundidos com a gestão da dívida pública. Estamos procurando separar cada vez mais as duas tarefas. O Tesouro Nacional tem que administrar a dívida pública de acordo com seus objetivos de longo prazo, de alongar prazos e reduzir custos.

**Valor:** O que já se avançou até hoje nesse sentido?

**Sardemberg:** O Tesouro Nacional, hoje, já define ele os volumes, os prazos e a composição dos papéis do próprio Tesouro que serão vendidos no mercado interno. É o Tesouro que define, também, se aceita ou não as taxas de juros pedidas pelo mercado. Não é mais o BC que faz isso. Mantemos um relacionamento próximo com o BC, mas a decisão é nossa. Além disso, os títulos corrigidos pelo dólar estão sendo emitidos somente pelo BC e não mais pelo Tesouro. Os títulos cambiais são vistos como um instrumento de política monetária, de atuação sobre o câmbio, e por isso passam a ser emitidos só pelo BC.

**Valor:** Quais serão os próximos passos?

**Sardemberg:** O Tesouro Nacional já assinou um acordo com o BC para, em agosto de 2001, passar a se responsabilizar também pela gestão e administração da dívida externa. Já estamos nos preparando para isso. É um processo longo, visto que isso não é tradicional no Brasil. Está se preparando também o terreno para que, em um prazo mais longo, o Banco Central chegue até a parar de emitir títulos públicos, como acontece em países desenvolvidos. Mas isso será um processo ainda mais longo.